

FLY2071**Carta familiar entre marido e mulher. De Peniche para [Lisboa].****Data**

16/06/1970

Referência Arquivística

N.A.

Arquivo Privado, Arquivo Privado, FLY2071, Fólios [1]r-v

Resumo

O autor aconselha a destinatária a ter uma atitude psicológica mais positiva, apresentando-lhe argumentos tirados de livros. Fala ternamente das filhas e sonha ir com a mulher, um dia, celebrar o S. João no Porto.

Local

Peniche

Cartas relacionadas

FLY0002 FLY0008 FLY0010 FLY0011 FLY1039 FLY1040 FLY1041 FLY1042 FLY1067 FLY1116

FLY2024 FLY2025 FLY2026 FLY2027 FLY2069 FLY2074 FLY2076 FLY2077 FLY2078 FLY2438

FLY2600

Texto**Fl. [1]r**

Peniche,

23. Junho. 1970

Meu amor:

Tenho-me esforçado por te ver diariamente, por te acompanhar nas tuas andanças e fadigas. Entraste a suportar uma [carga] que não é pequena e o que é facto é que, talvez mesmo sem te dares conta, criam-se-te interesses, preocupações, jogos e teceduras de relações, de convívios, etc que te revitalizam e animam e vão ajudando a deitares para trás das costas depressões reativas. Mas não posso impedir-me de te ver "pequenino" e "solução de ternura por ti" (lembras-te disto?).

Ontem ao folhear um livro, o Mundo da Psicologia, topei com ☞ uma passagem, a propósito da atenção, a que achei certo interesse. Vou-te transcrever porque é uma achega para a conversa que tivemos no domingo: «Uma pessoa é ofendida e a ofensa ma-
goa-a. Toda a sua atenção encontra-se concentrada na ofensa. Não pensa em que ela própria podia não ter razão. Recorda a ofensa vinte
ou mesmo cem vezes e sempre encontra mais e mais argumentos a seu favor. O seu amigo, a pouco e pouco vai se convertendo em seu inimigo. Sucede que, devido a essa falta de habilidade para concentrar a própria atenção, à preguiça de temporariamente a substituir por outros pensamentos, a pessoa favorita torna-se-lhe aborrecida. Mas se o ofendido tivesse sabido dominar a sua atenção e desviá-la voluntariamente para outros pensamentos, se dentro de certo tempo tivesse visto de outro modo o incidente, o amigo continuaria a ser amigo, e o seu preferido a ser preferido. Controlar a própria atenção significa saber não só diri-
gi-la para o que é ☞ necessário distinguir, mas também para o que deve passar desapercibido. Quem necessita disso? [Qual quê?] Não vais julgar que inventei a citação; é um livro publicado na editorial Presença, que poderás consultar se tiveres dúvidas...

Dentro de menos de um mês, faz anos a nossa [N]. Tens que lhe fazer uma festinha jeitosa, porque o merece e é muito tua amiga, até te deu os feltros. Seis anos! Relembro algumas vezes estes 6 anos e os outros dois – oito, ao todo – e espanta-me que nem sempre vejas o mundo de liames, de densas vicissitudes que nos entrelaçam. Às vezes dolorosas, por certo; mas que, de qualquer forma, significam uma ascensão para o mutuo conhecimento, a compreensão, o carinho, o

mútuo sobressalto perante o sofrimento d um, a fusão real da vida de dois sujeitos. Podem-se nomear de muitas formas todas estas parcelas, mas o que sobreleva é que, de facto, se enlaçaram tantas coisas, todas as coisas. É muito perigoso e tremendamente falso, cair numa visão romanesca, côm de rosa, mitica, acerca dos caminhos por onde se vai tecendo e egendrando esta fusão. Se não é apenas uma junção superficial, muito convenientezinha, um conhecimento epidérmico cheio de atavios um simples estar-se por acaso lado a lado, então é necessariamente um processo muito complexo, de encanto e desencanto, de emaranhado encaminhar-se até se se encontrar, de profundo desvendar-se – desmascarar-se, se preferes. Pouco romancezi-nho de cordel, pouco sonhinho, pouco coisas exteriormente compostinhas, mas aprofundadamente da verdadeira face, do verdadeiro sonho.

Sobre isto há um dramaturgo americano que diz mais ou menos: que muitas vezes assim se queimam as asas se as asas são de cera, mas que d outra maneira não vale a pena. Eu creio que o sujeito tem razão.

Fl. [1]v

Escrevi um postal à [N] queixando-me das fotografias e do seu silêncio. A propósito lembrei-me do teu vestido de que gostei muito. Também não fará mal telefonares-me até porque a [N] me disse que a [N] tem estado doente.

Não tenho tido correspondência de meus Pais, nem sei quanto tempo vão demorar. A [N] ainda não me respondeu, não percebo bem porquê. Queria escrever-lhes sobre a questão das nossas filhas passarem lá um mês, mas só o farei no sabado. Quando me preparava para vir escrever, fui chamado para ir fazer a "tua" salada de cenoura. Já não me lembrava bem, mas socorri-me da imaginação e fiz uns acrescentos por minha conta e risco, aproveitando o vinagre dos pickles que trouxeste. Só há duas hipóteses: ou fica intragável ou de arromba.

Ainda não me chegou o livro para começar a tradução, o que me começa a preocupar bastante.

Não te disse nada sobre os chinelos. São lindos lindos. Até me dá pena usá-los. É claro que com este requinte todo, o preço tinha de subir. Mas são de facto muito bonitos e bem acabados.

Não tenho postais para as nossas miudinhas e hoje também não teria muito tempo. Fiquei encantado com as pinturas e peço-te que lho digas muitas e muitas vezes porque queria que muitas vezes me trouxesses coisas maravilhosas como estas. As miudas estão lindas. A [N] um bocado branquinha: falta de sol?

Como estás tu, meu amor? As andanças do emprego? A taquicardia, a ansiedade, tudo isso? E a tua Mamãzinha como vai de saude?

Véspera de S. João. Chega aqui o ruido de vozes animafdas e alguns estoiros de foguetes. Tenho muita pena de não estar contigo, hoje, no Porto e não te poder mostrar e recordar contigo algumas coisas da minha juventude. Deixavamos as miudas em qualquer sítio e havíamos de nos divertir; eu contar-te-ia como era "no meu tempo", porque eu próprio já não sei como é hoje, há tantos e tantos anos que não passo lá o S. João.

Sejamos naturais e não desesperemos. Eu sei que um dia me levarás pela mão a descobrir [essa] [L] que tu própria hoje mal conhecerás; e eu terei que reinventar o meu Porto, rua a rua, para que o aprendas a amar, Mostraremos à [N] e a nós próprios, as suas duas cidades e a [...] sua vila e, à [N], o seu "arranha-ceus"

Escreve. Dá muitos beijos às nossas filhas e diz-lhes que as amo muito e que tenho tremendas saudades de brincar com elas. Beija-mas muito.

Dá um abraço à tua Mãe.

Com amor,
[N]

Contexto

prisão

Palavras Chave

Tipo: conselho

Sociologia: família, cultura

Normas de Transcrição

Transcrição quasi-paleográfica, normalizando-se apenas a fronteira de palavra. As conjeturas do editor surgem entre parênteses retos e as leituras difíceis foram assinaladas com contraste de cor. As formas emendadas nos originais manuscritos estão rasuradas com um traço sobreposto, enquanto as formas acrescentadas nos mesmos originais se transcreveram na entrelinha superior. Com o intuito de salvaguardar dados privados, as ocorrências de nomes de pessoa surgem substituídas pela letra [N], as de nome de lugar, pela letra [L] e as de outros dados, pela letra [D]. Finalmente, as cartas de acesso restrito têm reticências entre parênteses retos a assinalar texto suprimido.

Suporte Material

Suporte: uma folha de papel de carta pautado de 30 linhas escrita em ambas as faces; carimbo da censura da Cadeia do Forte de Peniche.

Medidas: 279mm × 210mm

Mancha Gráfica: sem linhas em branco entre a fórmula de endereço e o início do texto.

Créditos

Transcrição: Mariana Gomes

Revisão: Leonor Tavares

Codificação DALF: Mariana Gomes

Contextualização: Ángel Rodríguez Gallardo

Discorda da nossa leitura? Por favor escreva-nos: cardsclul@gmail.com